

Resto de - 2 JAN 1987 esperança

CORREIO BRAZILIENSE

OSÉ HELDER DE SOUZA

Nós, o povo, pouco ou nada entendemos de economia. Economia como ciência, como estão nos livros e como está na ciência dos que cuidam de orientar ou gerir a coisa econômica, da produção ao consumo e à acumulação da riqueza e seus resultados na vida da Nação.

Nós, o povo, porém, entendemos e muito, da economia. De economia em seus resultados, nos seus aspectos mais comezinhos e imediatamente refletida em nosso dia-a-dia. Ou seja, nós, o povo, percebemos perfeitamente quando a tal ciência está trocada em miúdos, na feira, no supermercado, na loja de sapatos ou de roupas. Não há neste terreno quem exceda ao povo no entendimento da economia.

Neste entendimento o povo começa a perceber quando as coisas não vão muito bem para a economia, principalmente para a sua, de parcos tostões ganhos com o suor do rosto, ao chegar junto ao comerciante e constatar a variação de preços (para mais) das mercadorias necessárias ao seu dia-a-dia.

No final de ano o povo, com seus vasqueiros conhecimentos de economia e com sua ciência sobre os efeitos do tal fenômeno, percebem sinais de oscilações, de quedas, na sua economia, ou melhor, no seu bolso. Olhando para os dias a vir neste 1987, o povo está constatando manchas escuras na sua economia e teme.

Evidentemente não são bons os sinais para este ano quando soam já nos noticiários do dia-a-dia as trombetas dos aumentos de preços, como o do leite, na ordem de cem por cento. Por mais que nos venham explicar com a ciência da economia estes movimentos ascensionais do valor dos gêneros ou das utilidades, não vamos entender ou aceitar tais coisas.

Diante de tais fatos o povo o que tem é uma bruta sensação de frustração. A todos parece ter sido inútil tanta luta contra o desgoverno de antes, do sistema de uma economia cruel imposto pela ditadura, o reinado de Delfim Netto e sua economia vesga.

Diante dos incessantes anúncios de subida de preços, de desmoralização do Plano de Estabilidade Econômica em tão pouca hora proposto pela Nova República, o povo está a se perguntar se de novo terá que ir para a praça pública pedir, exigir a contenção dos preços, a morte da inflação, o fim dos experimentos dos economistas, a detenção da ganancia do capital, cada vez mais sedento de lucros.

Não se pode dizer que o povo já tenha perdido a esperança, aquela alvissareira esperança advinda do Plano Cruzado. Ainda resta esperança na vontade do Presidente de, na sua honestidade de propósitos, vencer a grande batalha contra a calamidade inflacionária, em benefício da maioria da população. O povo ainda tem sobretudo confiança em si mesmo, na sua possibilidade de, coeso dar força aos que queiram redimi-lo, fazer deste País uma pátria amada, realmente amada por todos, pelos benefícios que lhes sejam assegurados. Assim entramos em 1987 um tanto desconfiados e descontentes com a volta de índices inflacionários, mas ainda com esperanças em modificações, para melhor, na vida geral da Nação, num novo Estado o mais democrático possível, principalmente na economia, na distribuição da riqueza, a vir da nova Constituição a nascer neste ano.

CORREIO BRAZILIENSE
Na quarta parte nova os